

GILBERTO DIMENSTEIN
e ANNA PENIDO

*Os últimos
melhores dias
da minha
Vida*

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Dimenstein, Gilberto, 1956-2020

D578u

Os últimos melhores dias da minha vida [recurso eletrônico] / Gilberto Dimenstein, Anna Penido. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2020.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-169-2 (recurso eletrônico)

1. Dimenstein, Gilberto, 1956-2020. 2. Jornalistas - Brasil - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Penido, Anna. II. Título.

20-67209

CDD: 920.5

CDU: 929:070(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Copyright © Gilberto Dimenstein e Anna Penido, 2020

Ilustrações de capa e encarte: Paulo von Poser

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-169-2

Sumário

Parte I

Dias de Taturana

Dias de Borboleta

Dias com Propósito

Dias de Bundar

Dias de (In)dependência

Dias de Amor

Dias de Corrente

Parte II

Dias de Cobaia

Dias de Dor e Prazer

Dias na Vila Madalena

Dias de Confinamento

Dias de Refresco

Dias de Avô

Parte III

Dias de Desfecho

Dias de Despedida

Dias de se Lembrar da Infância

Dias de Pensar na Morte

De: Anna. Para: Gilberto

Posfácio: Dias de virar livro

Agradecimentos

PARTE I

Dias de Taturana

“Você está com câncer.” A notícia me chegou através de um sonho. Justo para mim, que sempre desconfiei desse tipo de coisa. A minha formação foi rigorosamente científica, lógica, matemática. Eu só acreditava em alopátia, estatísticas, grupos de controle. Para mim, a ciência é extraordinária justamente por sua capacidade de provar, de usar métodos racionais para gerar evidências e certificar a verdade. E, de repente, um sonho se antecipa a todas as tomografias.

Foi uma coisa muito rápida. A mulher aparecia de corpo inteiro, vestida com uma roupa escura, mas eu só me lembro do seu rosto iluminado, que se aproximava aos poucos de mim. Era jovem, mas não muito. Não parecia um ser etéreo, mas uma médica confiável, apresentando um diagnóstico. Tive a sensação de que ela conhecia alguma coisa que me era desconhecida e de que traduzia algo que eu precisava saber. Ela transmitiu a mensagem de forma bastante clara. Depois, desapareceu.

Apesar de todo o meu ceticismo, acreditei na “médica” do sonho, porque já tinha vivido situações parecidas. No final da década de 1970, durante o regime militar, eu participava de um grupo trotskista com colegas da universidade. Estávamos na última fase da repressão, já tinham matado o Vladimir Herzog, jornalista como eu. Uma noite, sonhei com meu avô Marcos, morto muitos anos antes. “Foge de São Paulo! Foge de São Paulo já”, ele me alertava.

De manhã, fui para a faculdade sem dar muita atenção ao sonho. No caminho, topei por acaso com um colega do grupo. Ele me pediu

ajuda para “limpar” a sua casa, porque “todo mundo estava caindo”. Ou seja, queria eliminar os vestígios das nossas discussões, porque tínhamos sido denunciados. Eu me senti muito mal de negar ajuda, mas pedi desculpas e disse que não poderia acompanhá-lo. Ele foi para casa sozinho e acabou sendo preso. Mais tarde, descobri que tinham me entregado como líder do movimento. Logo eu que nem sabia ao certo o que estava fazendo ali.

A decisão de participar daquele grupo trotskista teve um propósito mais social do que socialista. Era uma oportunidade de estar com os amigos, de me aproximar das meninas. Nunca acreditei em comunismo. Sempre defendi a igualdade, mas não compactuava com a ideia de um Estado opressor. Então, Trotsky me pareceu uma alternativa mais sofisticada. Além disso, era uma vítima da opressão, já que tinha sido assassinado a mando de Stalin.

Mas a minha brincadeira subversiva acabou logo após aquele sonho traumático, pois tive mesmo que fugir de São Paulo e largar tudo para trás, inclusive o curso de Ciências Sociais na PUC e o de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Naquele mesmo dia, meu pai foi me deixar na estação ferroviária, porque eu achava arriscado viajar de ônibus. Na plataforma, vivi uma daquelas situações horrorosas, em que se é tomado pelo medo. Eu tinha 20 e poucos anos, era muito menino, fiquei sem chão. Já tinha ouvido todos aqueles relatos sobre tortura, entrei na paranoia. Foi um tempo muito difícil.

O sonho com a “médica” teve mais impacto porque me lembrou do sonho com o meu avô Marcos, que sempre foi a minha principal referência de acolhimento e proteção. Acabei levando o aviso a sério, mesmo tendo aparecido em um momento em que gozava de uma condição física invejável. Havia algum tempo vinha tomando uma série de decisões que priorizavam a minha saúde.

No início da minha carreira, adotei o kit básico de todo jornalista daquele tempo e, além de fumar, passei a abusar muito da bebida. Não cheguei a ser alcoólatra, mas, lá para as tantas, percebi que perdia o